

ORLANDO RIBEIRO E LISBOA LOCAIS DE VIDA E DE MEMÓRIA*

JORGE GASPAR¹

Quantas memórias nos acodem aqui. Só o facto de vir à antiga Quinta de S. Vicente bastaria para um entretenimento e reflexão em torno da vida e da obra de Orlando Ribeiro e do seu, do nosso, Centro de Estudos Geográficos. Este foi um dos locais eleitos por Orlando Ribeiro para a sagração da Geografia, entre outras, nas facetas vitais que são as do comer e do conviver.

Mas antes de entrarmos na função, permitam-me que faça aqui uma breve homenagem a João Soares, no plural, ou seja, avô e neto. Sem o Dr. João Soares, autor de um atlas notável (*Novo Atlas Escolar*) e director do Colégio Moderno, eu não estaria aqui, pelo menos como geógrafo: a ele devo a opção, talvez excessivamente temporã e obsessiva, pela Geografia.

Ao Dr. João Soares, neto, devemos a homenagem traduzida no patronato desta Biblioteca Municipal. Com ele, com a Vereadora Arq.^a Maria Calado, então responsável pelas bibliotecas municipais, a Dr.^a Manuela Rego e alguns dos presentes, entre muitas outras pessoas, estivemos aqui na pré-inauguração. Foi um momento que me comoveu bastante, entre outras razões porque conhecia estas paragens, incluindo a Quinta de S. Vicente, desde que nasci... Além disso, vivo em Telheiras há quase 25 anos...

Também uma palavra de homenagem a Albano da Silva Pereira, que descobriu Orlando Ribeiro fotógrafo e, estranhamente, este predicado tem sido recorrentemente omitido nos textos e nas ocasiões pertinentes.

E por este caminho, já estou a dar o tom do que será a minha conversa hoje, aqui. Vou abordar, de forma descontraída, “relaxada”, como gostam de dizer os Brasileiros, algumas memórias que remetem para a relação de Orlando Ribeiro com Lisboa, recuperadas a partir da observação das paisagens actuais. Assim, seleccionei três espaços de encontro com O. Ribeiro:

* Texto de uma conferência integrada num ciclo em torno da obra de Orlando Ribeiro, que teve lugar na Biblioteca Orlando Ribeiro, a 10/3/07. Recebido: 2/04/2008. Revisto: 7/04/2008. Aceite: 18/04/2008.

¹ Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. E-mail: jgaspar@fl.ul.pt

- a **Politécnica**, enquanto bairro, procurando perscrutar, por aí, alguma influência do meio no labor de Orlando Ribeiro e, ao mesmo tempo, evocar as memórias dos primeiros encontros das nossas vidas;
- a excursão à **Ponta da Agueira**, que durante anos foi a prova emblemática da iniciação ao trabalho de campo, ou melhor, ao exercício da observação e do convívio, científico e humano;
- a excursão à **Pontinha**, quase simétrica da anterior, e complementar. Estendendo o olhar até à Brandoa, que seria também objecto de algumas indagações.

Depois, como então, podemos regressar a Lisboa, o que hoje já não tem o mesmo sentido que tinha nos anos 60. De qualquer modo, a partir daí poderemos divagar pela nova Lisboa, diferente nos espaços e nos estilos de viver.

Claro que para uma conversa de 45 minutos, teríamos muitas outras formas de agarrar o tema Orlando Ribeiro e Lisboa:

- A História e os Monumentos. Orlando Ribeiro cultivava as visões de síntese, a construção de modelos interpretativos, mas também gostava da análise e da abordagem monográfica; a sua atitude era idêntica face a um corte geológico numa trincheira da estrada ou face a uma igreja românica – descrever, analisar criticamente e, daí, passar às comparações e à construção de hipóteses explicativas, a algo de mais geral que confortasse o espírito. Muitos de nós tiveram a sorte de viver momentos de aprazível indagação na Sé de Lisboa, nos Jerónimos, em São Vicente de Fora, na Graça ou na Senhora do Monte. Ficou-me a ideia que pela sua sólida e reiteradamente revisitada formação de medievalista, Orlando Ribeiro privilegiava as grandes obras arquitectónicas do Gótico e do Românico; o Barroco só em Itália...
- A descoberta de dois jovens: Orlando Ribeiro e Juvenal Esteves. Os dois amigos, colegas de liceu, percorreram a aventura da vida em permanente diálogo, privilegiando Lisboa e arredores como pano de fundo, até ao adeus final. Presenciar os diálogos destes dois sábios, no profundo sentido do termo, era assistir ao elogio da humanidade e dos seus artefactos, do vinho à música, da pintura às paisagens. E como entremeses, as histórias de rapazes, como a daquela expedição à Caparica, quando ainda era sobretudo terra de pescadores...
- Orlando Ribeiro e os Amigos de Lisboa. Era um verdadeiro amigo de Lisboa, que sentia como a primeira pátria, tendo colaborado durante muitos anos com essa agremiação que tantos serviços prestou à capital. A sua memória permaneceu entre os Amigos, de tal forma, que quando celebraram o seu cinquentenário, o Presidente, o ilustre médico e olisipógrafo, Prof. Cândido de Oliveira, convidou-me para fazer a conferência comemorativa em homenagem a Orlando Ribeiro, o que me honrou a vários títulos.

I. PRIMEIRA JORNADA

Demos então início à função, a partir da primeira estação, a da Politécnica, onde naturalmente chegamos de eléctrico, que foi até aos anos 70 o transporte desta parte da cidade. Este Bairro, que se estende na encosta entra a Rua da Escola Politécnica e São Bento e entre o Príncipe Real e o Rato, não só tem um dos mais ricos patrimónios arquitectónicos da cidade acompanhado por uma história social e urbana muito interessante, como ainda mantém um ambiente aprazível, num convívio de vários grupos sociais e diferentes estratos etários.

Aqui residia Orlando Ribeiro, na *Travessa do Monte do Carmo* (fig. 1), onde o conheci no seu ambiente privado e percebi como dali tinha partido para o Mundo². O Mundo, que começava numa Lisboa de bairros, mas cidade aberta, nos horizontes das suas colinas e nos horizontes da sua História, com marcas bem visíveis de Leste a Oeste, de Sul a Norte.

O Bairro, que viveria intensamente ao longo de dezenas de anos, marcado pelas acções de D. João V e do Marquês – a Fábrica das Sedas e o Colégio dos Nobres: a *Politécnica* (fig. 2) – um dos centros do Mundo. Orlando Ribeiro sempre manifestou um grande orgulho por ter sido aluno desta escola e apesar de ter enveredado pelas Letras, esta era a sua casa matricial. Na reforma da licenciatura em Geografia de 1957, em que teve activa participação, deixou bem evidenciada como considerava importante para o geógrafo, uma formação com bases científicas naturalistas. Eu, que beneficiei dessa formação, entendo que ele tinha razão.

A *Cister* (fig. 3), então misto de leitaria, café, pastelaria, local de tertúlias e de encontros de acaso, estabelecia as articulações entre os mestres e as famílias do bairro. Curiosamente, ainda hoje por lá podemos encontrar vizinhos e antigos colegas de Orlando Ribeiro, se não em pessoa, nas suas memórias.

Invertendo a marcha, na direcção de S. Mamede, começávamos por encontrar a *Livraria Escolar Editora*, então um templo e espaço tertuliano; frequentado pelos mestres e por ilustres moradores do bairro, por aí passou também o nosso homenageado. Hoje, existe aí uma loja de sapatos *made in Brasil*, tema que teria interessado, certamente, O. Ribeiro. Logo a seguir, ainda lá continua a *Alsaciana*, pastelaria rival e alternativa da *Cister*, embora menos frequentada por Orlando Ribeiro.

Já na Rua de S. Mamede, o Restaurante e Cervejaria *Lira D'Ouro* (fig. 4), outro pouso restaurador de Orlando e seus amigos. E o nome que soa a Itália podia ser pretexto para aproximações italianas, em que sobreleva o nosso querido Gaetano Ferro, que embora tardiamente, recebeu as honras da nossa Universidade de Lisboa, uma vontade expressa por Orlando.

² Da meia centena de fotografias que foram mostradas durante a conferência, seleccionaram-se cerca de metade, agrupadas em três *jornadas*.

Daqui, de S. Mamede, pela geometria das ruas setecentistas, chegamos a alcançar horizontes inesperados desta *Lisboa de colinas* que se enxergam umas às outras (fig. 5). De São Mamede ao Rato, à Avenida, às Amoreiras... o centro de Lisboa numa diversidade de espaços...

Mas vamos até ao “Centro do Mundo”, onde este está mais presente, hoje em espaços museificados, dia a dia mais atraentes; naquele tempo, nas salas de aulas apinhadas de alunos. Mas onde pode ser melhor sentida a memória de Orlando Ribeiro é no *Jardim Botânico* (figs. 6 e 7); aí se consolidou a sua vocação naturalista, na meditação sobre as plantas e os homens, no diálogo com mestres e alunos, desde a juventude até ao convívio com outro mestre de tantos de nós: Fernando Catarino.

Daqui, de uma das possíveis varandas sobre a cidade (fig. 8), podemos ter a “demonstração” do *Sítio de Lisboa*, mas também da *Fábrica que falece a cidade de Lisboa*; em contrapartida, pensemos como Orlando Ribeiro gostaria de olhar para o seu Miradouro da Senhora do Monte e daí dominar a Mouraria de hoje, tão multicultural (Índias, Chinas, Brasis, Áfricas...), processos e fenómenos sociais que ele admirava e cuja importância sublinhou quando a palavra multiculturalismo ainda não estava na moda.

Olhemos mais uma vez para o Jardim Botânico, e contentemo-nos na permanente função pedagógica que aqui se exerce de várias formas. Imagens que compõem dois desígnios: o da educação e o da estimulação de vocações. Embora não o possa provar, mas por conversas e múltiplos indícios que Orlando Ribeiro nos deixou nos seus escritos memoriais, tenho a profunda convicção que este ambiente, do bairro, da Faculdade de Ciências e do Jardim Botânico, foi muito importante no despertar de vocações e nas orientações que o Mestre deu aos seus caminhos científicos, pedagógicos e pessoais.

Por aqui andou ao Liceu, o Passos Manuel, foi ainda aqui que frequentou a Faculdade de Letras e, nas proximidades, num andar de uma ruela contígua ao velho Convento de Jesus, fundou, em 1943, o Centro de Estudos Geográficos, a nossa *Casa da Geografia*, o que é, para mim, o maior de todos os legados de Orlando Ribeiro.

E aí voltaria muitos anos depois, para o “aconchego” da Academia, onde quis entrar tarde, na Classe de Ciências, como gostava de sublinhar, mas em força e dedicação, falhando muito poucas quintas-feiras...

II. SEGUNDA JORNADA

Para as outras duas jornadas, escolhi excursões típicas da pedagogia de Orlando Ribeiro, pela valorização do trabalho de campo e da integração dos vários saberes geográficos.

A segunda jornada corresponde à “expedição à Ponta da Aguiieira”, uma das lições icónicas de Orlando Ribeiro. Foi aí que o conheci, e fiquei definitivamente impressionado e fascinado.



Fig. 1-8 – Primeira Jornada.
Fig. 1-8 – First Journey.

Junto à Igreja dos Reis Magos, a paroquial do Campo Grande, tomávamos o eléctrico para o Lumiar/Estrada da Torre. Próximo, estava e está ainda o *Quebra Bilhas* (fig. 9), restaurante-retiro mítico da Lisboa de outros tempos, e que viveu uma segunda vida com a consolidação da Cidade Universitária. Foi durante muitos anos o restaurante de Orlando Ribeiro, do Centro de Estudo Geográficos e de geógrafos – pequenos grupos, porque para festas maiores vínhamos à Quinta de S. Vicente.

Na Estrada da Torre, passávamos a moradia do Marechal Carmona, mas não era feita qualquer referência (...) Descíamos no fim da linha, junto ao “complexo” do Castanheira de Moura (moagens, restaurante, cinema ao ar livre – que fizera as minhas delícias de menino em noites de Verão).

Depois, acelerávamos para chegar rápido à cornija da costeira! Passávamos primeiro o *Largo da Charneca* ou Campo das Amoreiras, um rossio típico (fig. 10), para o qual abriam portões de várias quintas e algumas casas térreas. O Coreto e um cinema improvisado evidenciavam a componente lúdica dos rossios... Olhando hoje este espantoso espaço, vejo os arranjos e penso na falta de imaginação e de vontade para intervir em espaços com esta qualidade e ponho agora a hipótese da origem romana do sítio, a partir do qual teria sido feita a divisão do campo, talvez mesmo mais umas *cinco vilas*...

Mas então passávamos por aí a correr, para atingirmos a cornija, e daí assistirmos à demonstração da estrutura monoclinial da costeira e das sucessões de costeiras, a *baixa de Loures* e o sistema do Rio Trancão (fig. 11).

É o momento para homenagear todos os que têm elevado bem alto os valores patrimoniais, pedagógicos e científicos, deste acidente geomorfológico, a partir de Emmanuel de Martonne: Dragomir Knapic, Ilídio do Amaral, António de Brum Ferreira e José Luís Zêzere... Tanto saber investido nestas costeiras, que me pergunto se não poderíamos dar um contributo sério para corrigir o caos, o desordenamento que aí se instalou como resultado de acções negativas, tanto privadas como públicas. O que eu gostaria muito era de ver estas encostas valorizadas através da vinha, recuperando do mesmo passo as afamadas vinhas de Camarate e de Sacavém, cujos vinhos quando oriundos das terras reguengas ou regalengas tinham prioridade na venda em Lisboa.

Evocávamos também a natureza marítima daqueles salgados da lezíria de Loures, as salinas de Frielas e os pescadores de Unhos, a navegação que se fazia até à Mealhada, onde teriam chegado os sinos para o Convento de Mafra. E hoje aquela invasão de infraestruturas rodoviárias e de “urbanização” a fazer prever catástrofes como as de 1967...

Mas voltemos à *Estrada Militar* (fig. 12) e aos olivais de Camarate e de Apelação, que ainda se salvaram das “urbanizações clandestinas”. As oliveiras poderiam ser outra entrada para uma conversa com Orlando Ribeiro e aí nos detínhamos a lembrar D. Manuel I e a sua vontade de dar um aspecto mais urbano à Capital...mandando arrancar as oliveiras!

Aproximamo-nos, entre taludes e ruínas, do final da jornada, através de uma paisagem que se mantém inalterada, neste troço final; se repararmos,



9



10



11



12



13



14



15



16

Fig. 9-16 – Segunda Jornada.
Fig. 9-16 – Second Journey.

recuámos meio século e até voltamos a ouvir passarada, que resiste a tanta destruição.

E eis que chegamos à Ponta da Aguieira onde persiste o *marco geodésico* (fig. 13), embora ameaçado na *envolvente imediata* (fig. 14). Apesar disso, ainda descortinamos *paisagens* grandiosas (fig. 15) e podemos retornar às lições – o percurso do Trancão, a formação das costeiras, o *Rio Tejo* que afinal desagua por um delta no Mar da Palha (fig.16)... e a assimetria das margens dos rios portugueses próximo da foz – do Lima, do Douro, do Mondego, do Tejo, do Sado... já com o Gilão não se passa o mesmo...

Mas vendo tanta atrocidade sobre as paisagens, resta-nos o conforto de olhar o tempo longo, com a convicção de que os territórios e a natureza têm uma enorme capacidade de recuperação e que os humanos, quando podem e querem, também ajudam muito.

III. TERCEIRA JORNADA

Para o início desta visita de estudo, o encontro era na *Igreja da Pontinha* (fig. 17), num ponto próximo da junção de três concelhos – Lisboa, Odivelas (então pertencente a Loures) e Amadora (que então fazia parte do concelho de Oeiras).

O tema andava principalmente em torno da Geomorfologia, mais uma vez centrado nas costeiras, mas agora indo além do Miocénico e entrando no “enigma” da “Formação de Benfca” e dos “Calcários de Alfoanelos”. Este tema específico também era tratado em Geologia, tanto nas aulas do Prof. Carlos Teixeira, como nas visitas de estudo com o seu assistente de então, o Dr. Fernando Real.

O local, uma cornija da costeira que limita Lisboa a norte, era (e ainda é) soberbo, pelas formas físicas que eram evidenciadas e também pelos restos de uma vida rural que prevalecia na sombra da cidade.

As “paisagens humanas” não tinham a complexidade de hoje, mas havia temas de muito interesse que no essencial eram esquecidos por não terem ainda entrado na “agenda” dos geógrafos: fora dos limites do concelho de Lisboa, os bairros sociais da Pontinha e da Urmeira, construídos por iniciativa da Junta da Província da Estremadura, (este último recebeu muitos desalojados da área onde se construíra a Cidade Universitária que eu conhecera tão bem), as urbanizações clandestinas, que então despontavam, *Encosta da Luz* (figs. 18 e 19), bairros da Pontinha – que viriam a ser objecto de uma dissertação de licenciatura, de Luís Corte Real – a primeira que orientei.

Havia sim uma referência à *Escola Agrícola de Paiã* (fig. 20), inaugurada em 1919, que continua nos nossos dias como Escola Profissional Agrícola D. Dinis. Outro tema aflorado era o da *floresta climax*, que persiste em formações degradadas (fig. 21), e onde ainda é possível discernir o “encontro” entre o Mediterrâneo e o Atlântico.

Daqui partíamos na direcção da Estrada da Correia, então ainda com grandes extensões de terras de cultivo e, daí, seguíamos pela Azinhaga dos Besouros, já



17



18



19



20



21



22



23



24

Fig. 17-24 – Terceira Jornada.
Fig. 17-24 – Third Journey.

nessa época com construções abarracadas de gente muito pobre – imigrantes das Beiras e de Trás-os-Montes e os primeiros escorraçados de Lisboa. Essas construções que entretanto tiveram alguma consolidação, e outras para novas ondas de imigrantes, estão agora a ser demolidas para a passagem da CRIL, mas ainda persistem *as gentes* que fizeram Lisboa nos anos 50 e 60, à espera da casa prometida (fig. 22).

Atravessávamos a Quinta de Correia, direitos a Alfoanelos e *Brandoa* (ainda não existia o futuro “maior bairro clandestino da Europa” (fig. 23) e estávamos no cimo daquela formosa bancada de rocha mais dura, no interior da “Formação de Benfica”, os Calcários de Alfoanelos. Aqui estamos hoje, em 2007, e vemos como houve alterações e como se foi fazendo cidade, primeiro com a auto-construção, depois com intervenções de reabilitação e empreendimentos privados de grande escala e o poder local, que vai introduzindo as infra-estruturas e os equipamentos, os espaços públicos e os eventos culturais; até a *sinalética*, noutras locais deslocada e pouco interessante, aqui contribui para tornar real a ambição de fazer cidade a partir de espaços de refúgio e de esperança (fig. 24).

Uma trincheira em obra de novo equipamento leva-nos à procura dos *Helix*, fósseis da fauna continental da Formação de Benfica... e aquele veio rico em calcite serve-nos para evocar a bancada dos calcários de Alfoanelos e um tempo em que a Geografia se fazia mais no terreno e procurava cruzar os conhecimentos.

Por isso, pensamos regressar para novas jornadas com Orlando Ribeiro, talvez para aprofundar este urbanismo de condensação, nesta polpa de cidade esfarrapada, por aí a fora, à procura de novos mistérios e de novas gentes, novas culturas, novos encontros de civilização, o tema mais querido de Orlando Ribeiro (fig. 24).

Mas, por baixo, ficará sempre este tema fantástico dos calcários de Alfoanelos, que nos seus afloramentos anteriores à urbanização permitiam outros passeios e devaneios, na prática das geografias que exaltavam o sentido lúdico da vida, sem esquecer o ensino e as aprendizagens.